



O design de Eugênio Hirsch para livros didáticos da Companhia Editora Nacional

Eugênio Hirsch's textbook design for Companhia Editora Nacional in Brazil

Didier Dias de Moraes

didier.moraes01@gmail.com

Resumo

Este artigo apresenta o trabalho realizado pelo designer austríaco Eugênio Hirsch nos primeiros anos de sua chegada ao Brasil para a maior editora de livros didáticos do país, nos anos 1950 e 1960, e que antecedeu e se combinou com a sua mais conhecida produção para a Editora Civilização Brasileira. A documentação e análise dessa produção, em confronto com a produção anterior e posterior da Companhia Editora Nacional, permite identificar o pioneirismo e o legado da contribuição de Hirsch para o design do livro didático, tanto da editora como do país, na medida em que o designer introduziu linguagens gráficas e de ilustração inéditas nesse segmento editorial, bem como procedimentos projetuais então raros na edição de livros. Em seu trabalho, vemos a concepção do livro como objeto unitário de design, a partir da articulação e integração formal de seus componentes, capa e miolo, e das partes do miolo, com as páginas sendo desenhadas como duplas espelhadas, e recursos gráficos, tipográficos e diagramáticos dedicados à organização e sinalização de partes especializadas do conteúdo.

Palavras-chave: Livro didático, História do design gráfico no Brasil, História editorial

Abstract

This article presents the work produced by the Austrian designer Eugênio Hirsch, in the early years upon his arrival in Brazil, for Companhia Editora Nacional, the most prominent local publisher of textbooks in the 1950s-60s. To this output, Hirsch subsequently combined what was to become his most widely known production, for the Editora Civilização Brasileira. Documenting his output and analyzing it while taking into account Companhia Editora Nacional's previous and subsequent productions revealed the pioneering nature of Hirsch's contribution to textbook design, not only at this publisher, but also in Brazil. Hirsch introduced to this publishing segment graphic and illustration languages unprecedented in the country, as well as an approach to book design rarely employed at the time. Under this approach, a volume was conceived as an object of design in its own right, starting with an articulation and formal integration of cover and textblock and extending to components of the latter, with pages designed as mirrored pairs in which graphic, typographic, and layout resources organized and identified specialized content.

Keywords: Textbooks, History of graphic design in Brazil, Publishing history

A Companhia Editora Nacional e a visualidade de seus livros didáticos

A Companhia Editora Nacional (CEN) foi fundada em finais de 1925 por Monteiro Lobato e Octalles Marcondes Ferreira, após a falência de sua empresa anterior, a Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato. Além da produção de literatura adulta, juvenil, infantil e feminina e de obras especializadas em pedagogia, direito e saúde principalmente, a editora dedicou-se desde cedo ao segmento didático. Essa opção garantiu um primeiro grande crescimento na década seguinte, baseado no aproveitamento da oportunidade aberta com a regulamentação e expansão do Ensino Secundário (equivalente ao atual Ensino Fundamental II), estabelecida pela Reforma Francisco Campos, que se seguiu à Revolução de 1930 (HALLEWELL, 2005).

A visualidade dos livros didáticos dos cinco primeiros anos da Editora (1926-1931) é definida por soluções de capa quase que exclusivamente tipográficas, mesmo para os livros destinados ao ensino primário. Percebe-se também pouca padronização editorial e gráfica nos miolos, decorrente da dependência de fornecedores diversos de uma indústria gráfica ainda pouco especializada na impressão de livros e da pouca especialização da casa na edição de livros escolares. Esses livros na época eram impressos tipograficamente e encadernados em capa dura, o padrão vigente para livros escolares, e em formatos diversos (figura 1).

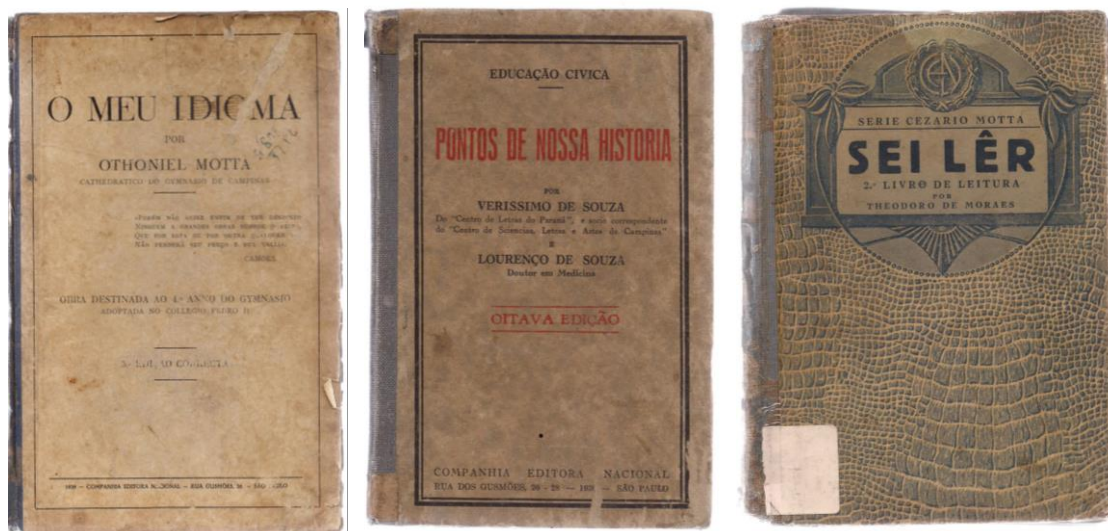


Figura 1: Livros didáticos com capas tipográficas entre 1926 e 1929 (acervo pessoal).

A partir de 1931, já sem Lobato na sociedade, mas ainda participante da política editorial, a editora se preparou para o lançamento de um número grande de títulos, com uma forte profissionalização da produção, baseada na política de coleções, no caso dos escolares com uma única grande coleção para os livros de todos os níveis de ensino, a *Biblioteca Pedagógica Brasileira série II – Livros Didáticos* (BEDA, 1987). Essa política de coleções promoveu a padronização de procedimentos editoriais e gráficos (TOLEDO, 2010), visando o lançamento das obras dentro dos prazos apertados do calendário escolar. Com o intuito de cumprir os prazos, a solução foi a produção de capas exclusivamente tipográficas, formato único de 13,0 por 19,0 cm, mancha de texto e uso de fontes e variações tipográficas fixas e manutenção do acabamento em capa dura. A diferenciação visual dos volumes era dada apenas pelo desenho das letras do título e pelas cores do fundo em impressão chapada (figura 2). Saliente-se que essa

sobriedade de soluções acompanhava e reiterava a visualidade característica da cultura escolar do período, pouco permeável à influência da cultura gráfica encontrada nos outros meios impressos, como as revistas ilustradas e mesmo as brochuras de literatura popular ou de autores modernistas (HOMEM DE MELO & RAMOS, 2011), incluindo as da própria editora (figura 3).



Figura 2: Livros de coleções didáticas da década de 1930, com títulos compostos e desenhados (13,0 x 19,0 cm) (acervo BLDFEUSP).



Figura 3: Livros não didáticos da década de 1930, com ilustrações de capa e miolo de Belmonte (*História de Caramuru*) e ilustrações de capa de J. U. Campos (*A viagem submarina* e *História do mundo para crianças*) (acervo BLDFEUSP e pessoal).

Na primeira metade da década de 1940 a CEN já era a primeira editora do país, em número de títulos e vendas, apoiada na regulamentação do Colegial (Clássico e Científico) – segundo ciclo do Ensino Secundário –, estabelecida pela Reforma Capanema em 1943 e ratificada pela Constituição de 1946, após a queda da ditadura do Estado Novo (HALLEWELL, 2005). Os livros para o Colegial ganharam nesse momento um novo formato, 14,0 x 21,0 cm, conhecido como americano, possibilitado pelas novas máquinas impressoras ofsete adquiridas pela gráfica associada à editora, a São Paulo Editora (BEDA, 1987). A solução de capa, contudo, continuou tipográfica, com um uso mais gráfico da titulação em letras desenhadas, vazadas em retângulo colorido (figura 4). Já diversos livros destinados ao Ensino Primário e de línguas (Francês e

Inglês) apresentavam capas ilustradas e maior uso de fotografia e ilustrações, propiciado pela impressão ofsete, embora as ilustrações fosse majoritariamente em linguagem de traço em preto, típica da impressão tipográfica (figura 5).



Figura 4: Livros para o ensino colegial de 1943 a 1948, com títulos com letras desenhadas (14,0 x 21,0 cm) (acervo BLDFEUSP).



Figura 5: Livros didático com capa ilustrada e miolo em duas cores com ilustração em traço (Cartilha Sodré, 1948, 13,3 x 18,0 cm, ilustração de capa de Augustus) e livro com ilustração em traço com aplicação de retícula (Le Français 1^{ère} année, 1944, 13,2 x 19,0 cm) (acervo BLDFEUSP).

Na década de 1950 a CEN consolidou um grande crescimento de vendas e lançamentos didáticos, apoiada numa expansão do ensino que duplica o número de vagas no Ensino Primário e Secundário e triplica no Ensino Profissional (ROMANELLI, 2007). Em termos de visualidade pode ser identificada nesse período uma mudança significativa. A solução tipográfica das capas baseada num chassis ou diagrama fixo foi substituída por soluções ilustradas em cores particularizadas para cada obra. Essa particularização se deu tanto pela variedade de linguagens e estilos correspondentes à diversidade de ilustradores, como pela combinação livre entre tipografia e ilustração em cada uma delas. As linguagens encontradas vão desde a produção de

Walter Lewy (pintor e artista gráfico imigrado da Alemanha, 1905-1995, que já fazia as capas da coleção *Biblioteca do Espírito Moderno*, da própria Nacional); passam pela linguagem publicitária de Augustus (Augusto Mendes da Silva, 1917-2008, pintor e artista publicitário, capista de livros infantis de Monteiro Lobato para a Editora Brasiliense); passam também pela linguagem de ilustração de revistas de João Gargiulli (também capista de livros de ficção popular da Nacional); e chegam a capas claramente referenciadas no design modernista construtivo que iniciava sua implantação no país, como as produções de Hugo Ribeiro e outras não creditadas. Surgiram também, nessa época, nos livros de Geografia, as primeiras capas fotográficas em cores (figura 6). Aqui vê-se claramente uma contribuição da CEN para a ampliação do repertório visual da cultura escolar, ao torná-la mais permeável à influência da visualidade da cultura de massas que se expandia no país.



Figura 6: Capas ilustradas e com fotografia colorida da década de 1950, com créditos para Walter Lewy (*Ciências Naturais*), Augustus (*Infância brasileira*), João Gargiulli (*Spoken English*) e Hugo Ribeiro (*Matemática*) (13,0 x 19,0 cm) (acervo BLDFEUSP).

Com relação ao miolo, excetuando os das cartilhas, as soluções de diagramação eram ainda padronizadas, com a visualidade dos livros se diferenciando conforme a iconografia específica das disciplinas. No entanto, os livros de Francês e de Inglês já eram fartamente ilustrados e



impressos em quadricromia, e os livros de Admissão ao Ginásio, destinados ao fim do Ensino Primário, reproduziam fotografia em cores em seu interior (figura 7). Ainda assim, não é evidente a preocupação com uma unidade formal e uma relação sintática entre capa e miolo, geralmente desenhados e produzidos de forma independente.

Este é o contexto, sumário e em largos traços, da cultura editorial e escolar em que se insere a curta, mas significativa — embora ainda pouco conhecida — contribuição de Eugênio Hirsch aos livros didáticos da CEN.



Figura 7: Projeto gráfico de miolo padronizado para livros de diversas disciplinas (Ciências, Matemática, História, Geografia, Admissão ao Ginásio; 13,0 x 19,0 cm) mas com diferenciação pela iconografia e uso de cor; exceção em livro de Inglês, com projeto, formato (15,0 x 21,0 cm) e linguagem de ilustrações específicos (acervo BLDFEUSP).

Os trabalhos de Eugênio Hirsch para a Companhia Editora Nacional

Eugen Aloysius Hirsch, nascido em Viena em 1923, teve formação artística bastante precoce, tendo sido aluno do pintor expressionista Oskar Kokoscha, influência que não foi exclusiva mas pode ser identificada em parte de seu extenso e versátil trabalho gráfico. Em



1938, sua família refugiou-se na Argentina, onde Hirsch exerceu o trabalho de ilustrador. São justamente suas ilustrações para as edições argentinas das obras de Monteiro Lobato que motivaram um convite do escritor brasileiro, feito em 1946 quando de uma viagem a Buenos Aires, para que Hirsch viesse trabalhar no país, e um contrato para a ilustração de obras do autor para a Editora Brasiliense teria sido assinado mas não se concretizado, provavelmente devido à morte do escritor em 1948. Segundo Ana Sofia MARIZ (2005), a vinda de Hirsch ao Brasil só se concretizaria em 1957, e seus primeiros trabalhos teriam sido feitos para agências de publicidade no Rio de Janeiro.

Em 1958 teve um primeiro contato com a editora Civilização Brasileira (CB) e com a CEN, sendo contratado pela primeira entre 1958 e 1959 para a realização da capa do romance *Lolita*, de Vladimir Nabokov. Este trabalho teve um grande impacto e reconhecida influência no sucesso comercial da obra, motivando novas encomendas e dando início a uma colaboração intensa e regular de Hirsch com a CB até 1965. Criou também capas para a Editora Globo, de Porto Alegre e, após um período nos Estados Unidos, trabalhou para a editora espanhola Codex, onde produziu a coleção *Museus do Mundo*, também lançada no Brasil. De volta ao país, em 1970, trabalhou para a José Olympio Editora até 1976, vindo a falecer em 2001, no Rio de Janeiro.¹

Pelas características e pelo volume de produção, em que uma capa era feita “para agredir, não para agradar”, segundo sua própria definição, o trabalho de Hirsch para a Civilização Brasileira produziu uma renovação estética radical das capas de livro no Brasil, fornecendo uma identidade visual para a editora que expressava a ousadia de seu catálogo (MARIZ, 2005).

Com relação aos trabalhos de Hirsch para a CEN, constatou-se que três obras didáticas de História, com edições datadas de 1961, encontradas na Biblioteca do Livro Didático da Faculdade de Educação da USP², apresentam um mesmo projeto gráfico, capas, guardas, dez ilustrações de página inteira em traço preto, dez vinhetas em duas cores e três mapas coloridos em página espelhada, perfazendo um conjunto coerente de 30 ilustrações, 30 vinhetas e nove mapas, que podem ser atribuídos a Eugênio Hirsch pois em um dos livros lhe é dado o crédito de “diagramação e ilustrações”.

A impossibilidade de acesso aos arquivos e acervo de obras da CEN, em posse da Universidade Federal de São Paulo, ainda não aberto aos pesquisadores, impede a ciência de se as obras mencionadas tiveram edições anteriores às encontradas na BLDFEUSP. Acredita-se que o acesso às fichas de produção das obras constantes desses arquivos poderiam propiciar informações mais precisas sobre a contratação e o período de execução dos trabalhos, o que

¹ Para uma análise detalhada do trabalho de Eugênio Hirsch para a Civilização Brasileira, além da obra citada de Ana Sofia Mariz, ver também *HOMEM DE MELO*, 2005. Para o conjunto do trabalho do designer, ver *NOGUEIRA*, 2009.

² A Biblioteca do Livro Didático da FEUSP constitui o maior acervo de livros escolares no país, de grande importância para a pesquisa de um artefato da cultura material pouquíssimo preservado, por ser desvalorizado intelectualmente pelo seu uso restrito à formação escolar e não ser portador de informação científica nova, a ponto de as próprias editoras não constituírem uma memória de suas publicações ou não a disponibilizarem aos pesquisadores. Em esforço permanente de construção, integra o *LIVRES* – Banco de Dados de Livros Escolares Brasileiros, que permite a consulta a seu acervo e aos de outras bibliotecas similares do país.

permitiria saber se eles não apenas se sobrepuseram aos primeiros trabalhos de Hirsch realizados para a CB ou se, inclusive, os antecederam. Ressalte-se que ambas as editoras, CEN e CB, pertenciam a Octalles Marcondes Ferreira, embora a editora carioca já estivesse sob direção de seu genro, Ênio Silveira, desde 1951, antes da transferência de propriedade ocorrida em 1963 (HALLEWELL, 2005). Assim, o início da atuação de Eugênio Hirsch no Brasil se deu, principalmente, dentro do campo do design de livros, mantendo uma consistência com sua atividade anterior na Argentina, e com grande probabilidade de ter ocorrido a partir de relações iniciadas por Monteiro Lobato e de vínculos entre agentes do campo profissional editorial.

História do Brasil: primeira série ginásial, de Joaquim Silva

Joaquim Silva era o principal autor de obras de história da CEN desde a década de 1930, quando foi inicialmente adotado em escolas confessionais. Não sendo historiador, e sim um professor da disciplina que se tornou autor, suas obras não traziam contribuições da pesquisa acadêmica para o ensino, podendo ser classificadas como tradicionais e mesmo conservadoras (PINTO JÚNIOR, 2010). Esta edição de 1961 traz mudanças de conteúdo mínimas em relação às anteriores (FERRARO, 2013), mas com evidente acréscimo de iconografia e uma atualização visual capaz de comunicar um sentido de inovação que não correspondia à abordagem autoral.

O crédito “diagramação” atribuído a Hirsch foi provavelmente o que se encontrou na ocasião para nomear um trabalho mais particularizado de design e edição de arte pouco usual na editora, ao menos para os livros didáticos. Nesse contexto, dois antecedentes conhecidos desse tipo de atuação bastante excepcional em obras didáticas da CEN são o trabalho de Belmonte para a *Cartilha de Hygiene*, de 1928 e o trabalho de J. U. Campos para *Mon petit univers*, de 1934, no entanto creditados apenas como ilustradores (MORAES, 2016). Mas o trabalho de Hirsch nesta edição foi mais abrangente, caracterizando-se por uma concepção gráfica unitária da obra que envolvia o projeto gráfico e a realização da capa e miolo, o desenho de página à página de todo o livro e a execução de ilustrações, vinhetas e parte dos mapas.

A unidade formal e a identidade inequívoca da obra ficam evidentes já na sequência dos componentes iniciais do volume, com capas, guardas e rosto trazendo ilustrações na mesma linguagem, pautada em forte estilização geométrica e contraste cromático peculiares de Hirsch, novidade absoluta na cultura visual escolar brasileira. Nas capas, a imagem passa da primeira para a quarta capa, com os elementos da lombada constituindo um primeiro plano integrador entre elas e a sequência de caravelas formando um plano distante com direção da quarta para a primeira capa. Nesta, a figura do bandeirante em plano intermediário compõe com as demais imagens e as informações textuais um conjunto coeso sobre o fundo chapado. A guarda traz, em sequência linear cronológica, os elementos ou personagens correspondentes aos vários momentos da história do país abordados nos dez capítulos da obra, dimensionados e justapostos em planos de forma a criar também uma sensação de espaço (figura 8).



Figura 8: Joaquim Silva, *História do Brasil: primeira série ginasial*, edição de 1961 (15,0 x 19,0 cm). Capas, guardas e página de rosto, com design e ilustrações de Eugênio Hirsch (acervo BLDFEUSP).

Essa unidade e identidade são mantidas mesmo com a passagem da impressão em quadricromia da capa e das guardas para a impressão em bicromia do miolo, em que a linguagem estilizada das ilustrações continua presente nas vinhetas e mesmo nos mapas. Imagens formadas por áreas chapadas e contornos retilíneos conservam, no entanto, detalhes suficientes para identificar sua referência à iconografia tradicional da disciplina, assim apresentada de forma a poder suscitar um novo interesse nos estudantes. A unidade sintática do livro é também garantida pelas duplas de abertura dos capítulos, que repetem o padrão de uma ilustração em traços pretos sangrada na página da esquerda, pareada com a da titulação, relação dos tópicos abordados e início do texto, sempre ilustrada por um vinhetas em duas cores. A linguagem de traço da grande ilustração sangrada, semelhante à linguagem da xilogravura, traz temas presentes na iconografia histórica tradicional, em tratamento mais realista e alusivo a uma linguagem gráfica de longa tradição, e empresta um sentido mais documental afeito ao espírito da disciplina, embora várias delas sejam bastante imaginativas e apresentem uma espacialidade vigorosa e enquadramentos próprios da linguagem dos quadrinhos ou do cinema (figura 9).

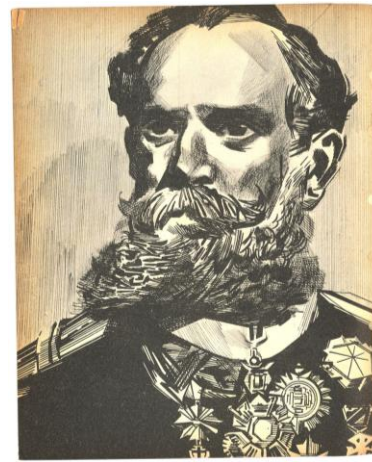
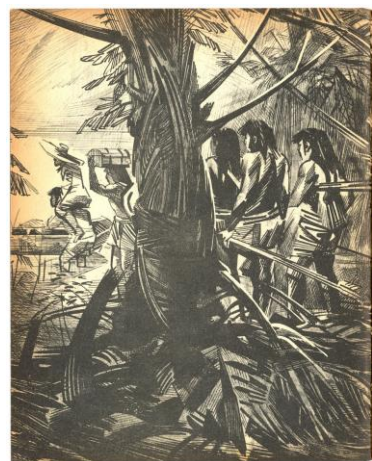
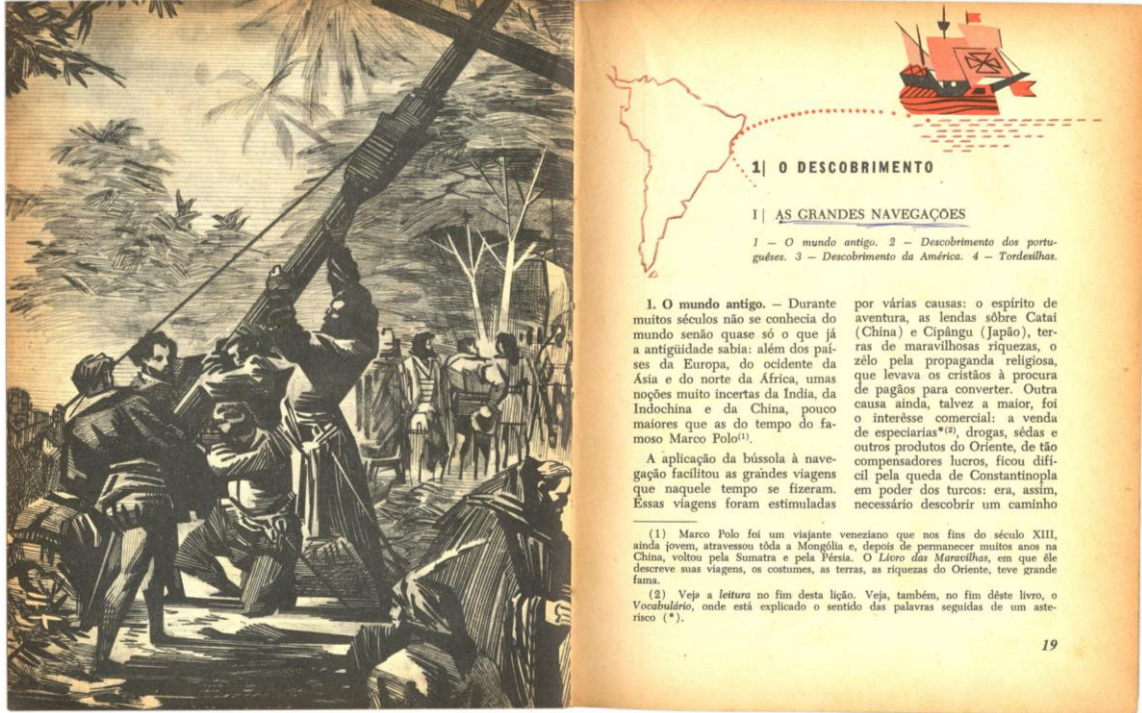


Figura 9: Joaquim Silva, *História do Brasil: primeira série ginásial*, edição de 1961 (15,0 x 19,0 cm). Aberturas de capítulos, com design e ilustrações de Eugênio Hirsch (acervo BLDFEUSP).



O projeto gráfico do livro apresenta duas particularidades relevantes em relação à produção então corrente da editora: o formato inédito em livros didáticos, 15,0 x 19,0 cm, e a diferenciação funcional do diagrama, com composição em duas colunas para o conteúdo expositivo e em uma coluna para as seções de final de capítulo (Datas notáveis, Leituras, Questionário). A distribuição das ilustrações informativas e dos mapas de apoio ao texto também obedeceu a uma diagramação concebida em páginas duplas, diferenciando-se da usual intercalação de materiais iconográficos e textuais ao longo de páginas vistas isoladamente (figura 10).

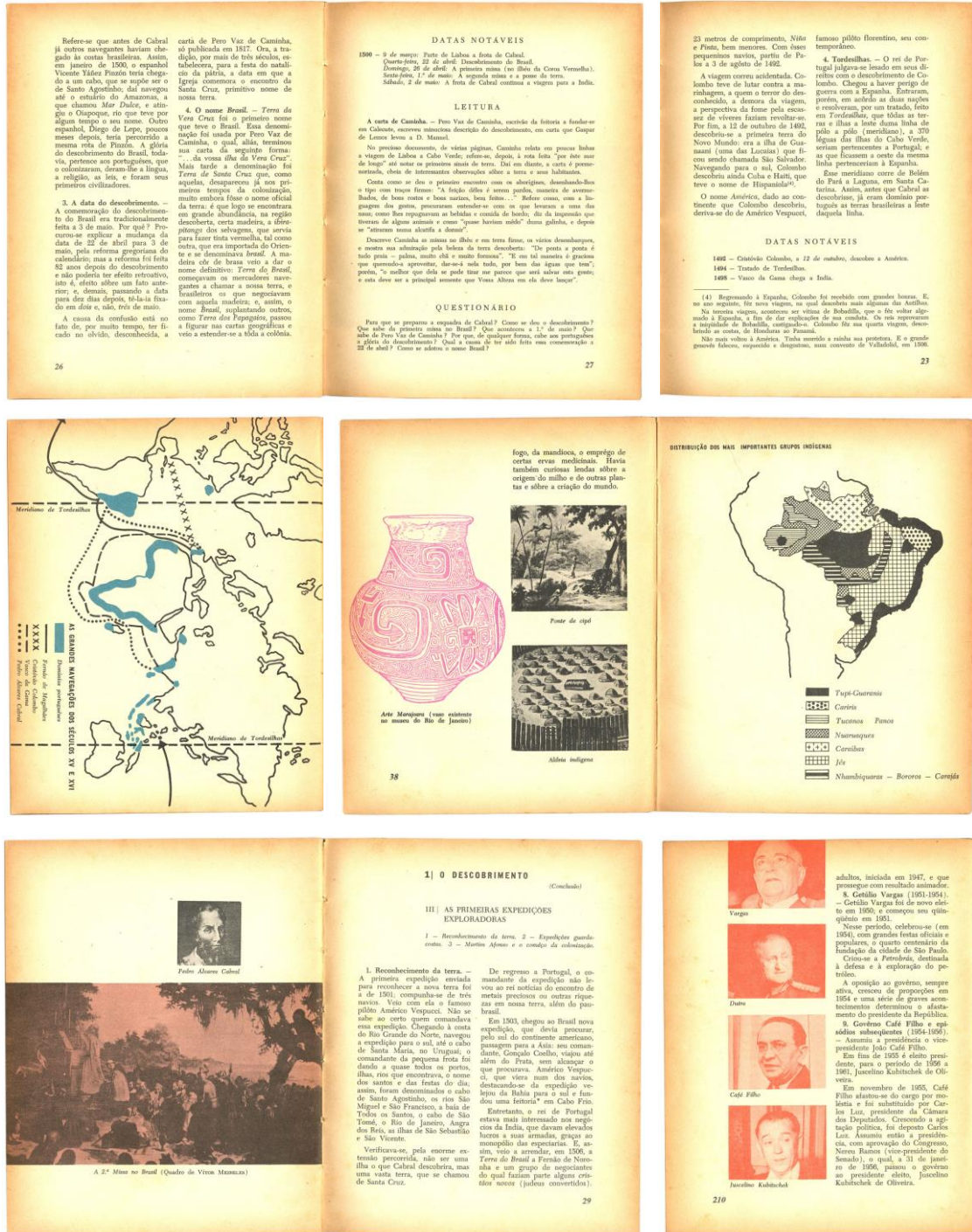


Figura 10: Joaquim Silva, *História do Brasil: primeira série ginásial*, edição de 1961 (15,0 x 19,0 cm). Páginas de miolo, com design e diagramação de Eugênio Hirsch (acervo BLDFEUSP).

Ainda, particularmente inovadora é a estilização dos mapas de informação histórica, ao prescindir do tradicional traçado geográfico curvilíneo preciso e agregar a representação de personagens e objetos, transformando os mapas em ilustrações de grande força comunicativa (figura 11).



Figura 11: Joaquim Silva, *História do Brasil: primeira série ginásial*, edição de 1961 (15,0 x 19,0 cm). Mapas-illustração em páginas duplas de meio de caderno, com design e ilustrações de Eugênio Hirsch (acervo BLDFEUSP).

Uma segunda cor, empregada nos títulos, mapas, vinhetas, ilustrações e fundos de fotografia, varia ao longo do livro, tirando partido da impressão em cadernos de 32 páginas, em que no meio deles páginas duplas impressas em quadricromia trazem os mapas-ilustração mencionados. O resultado é, a par da unidade de projeto verificada, o oferecimento de uma obra graficamente diversa, rica e atraente para a experiência do leitor, com possibilidade de cativar seu interesse e motivá-lo para o aprendizado.

Sobre a iconografia da obra, é evidente que há uma maior quantidade de ilustrações e reproduções fotográficas que as edições anteriores de obras do autor, mas à parte as ilustrações e mapas novos de Hirsch, o repertório de imagens é basicamente o mesmo, pautado nas pinturas acadêmicas dos episódios e heróis da iconografia oficial da nação e reprodução de gravuras de Rugendas e Debret. O tratamento gráfico, arranjos e uso de cor é que são realmente inéditos e trazem um aspecto inovador para a obra, apesar da quantidade ainda modesta de imagens.

História do Brasil: para a primeira série ginásial

História da América: para a segunda série ginásial, de Borges Hermida

Antônio José Borges Hermida era um autor mais recente da casa, com obras publicadas desde 1958. Bacharel em Geografia e História e professor concursado dessa disciplina no Colégio Pedro II, teve as portas abertas para se tornar autor de livros escolares (FERRARO, 2013). As primeiras edições de suas obras eram também pouco diferenciadas das de Joaquim Silva, com padrões gráficos, de diagramação e uma iconografia comum a todas as outras obras que tratavam de História.

As novas edições de *História do Brasil* e de *História da América*, de 1961 – sendo que a primeira obra não saiu com o selo da Nacional, mas sim de sua distribuidora, a Codil (Companhia Distribuidora de Livros) –, diferentemente de *História do Brasil* de Joaquim Silva, não trazem quaisquer créditos para o designer. Essa omissão era bastante comum em obras da editora, mas existe a possibilidade de a diagramação ter sido executada por equipe interna, sob a direção de Rubens de Barros Lima, o experiente responsável pela arte e produção gráfica da editora desde 1943 (HALLEWELL, 2005 e BEDA, 1987). Rubens Lima certamente intermediou o primeiro trabalho de Hirsch e pode ter extraído as diretrizes nele contidas, ou mesmo delas participado, para aplicação nos trabalhos subsequentes.

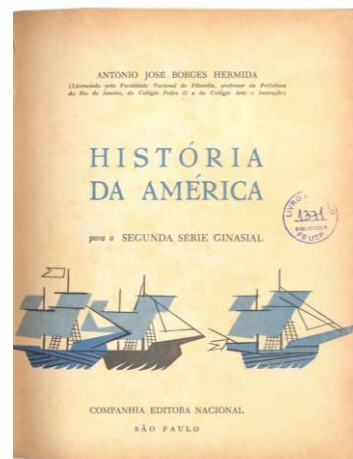
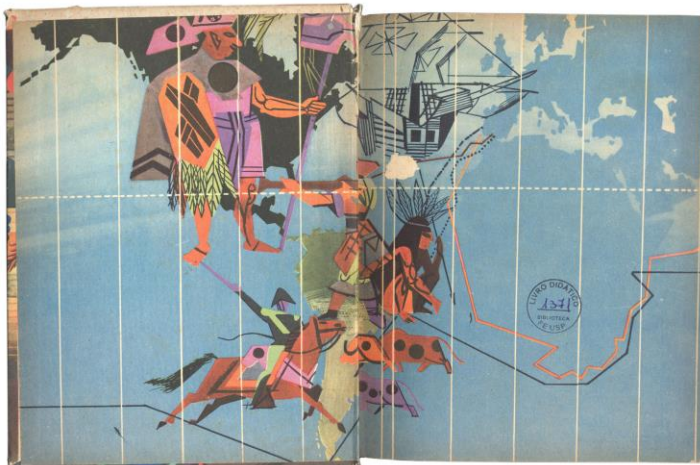
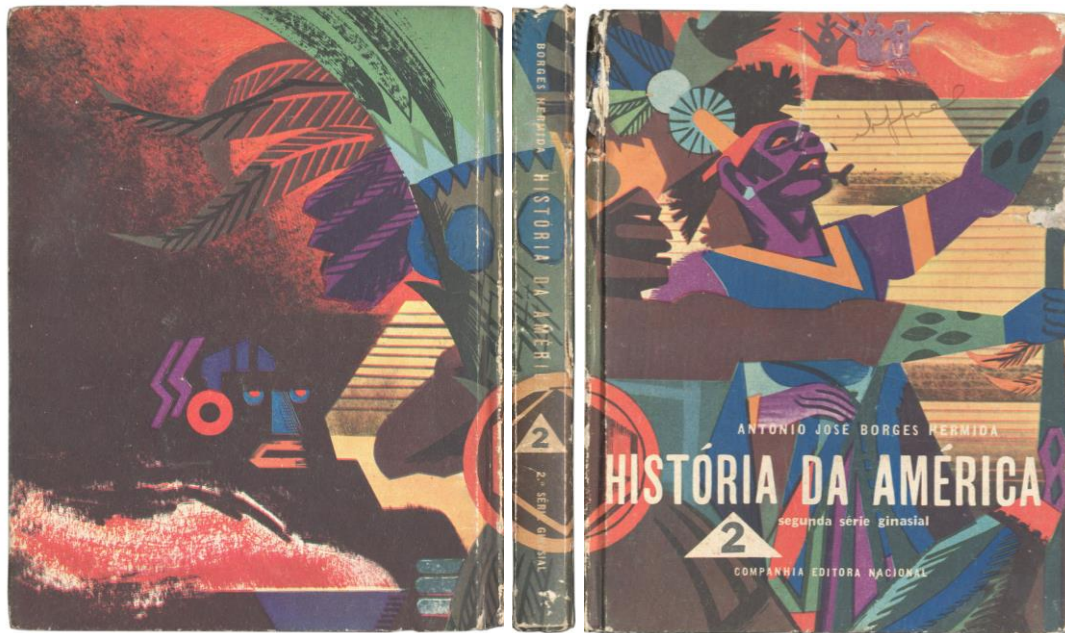
No entanto, o projeto gráfico comum e a quantidade idêntica de ilustrações originais de Hirsch para guardas, aberturas de unidade, vinhetas e mapas reforçam a ideia de uma encomenda e concepção comuns. Mas uma maior quantidade e diversidade de imagens nas obras de Hermida em relação à de Joaquim Silva permitiu uma ampliação dos procedimentos criados por Hirsch quanto ao desenho de páginas duplas e de intervenções gráficas nas imagens, resultando em livros ainda mais atraentes visualmente.

As capas das obras de Hermida trazem imagens sangradas e maior uso de cores, sendo que a de *História da América* é particularmente impactante pela informação visual nova, a partir do tema abordado, e pelo colorido. A apreensão da capa como imagem unitária é propiciada pela aplicação das informações textuais vazadas sobre a ilustração sangrada, e não em áreas

reservadas para ela como era o padrão vigente. A composição do título, em fonte estreita sem serifa, antecipa a solução preferencial de Hirsch encontrada na produção posterior feita para a Civilização Brasileira, como aponta Julio César NOGUEIRA (2009) (figuras 12 e 13).



Figura 12: Borges Hermida, *História do Brasil: primeira série ginásial*, edição de 1961 (15,0 x 19,0 cm). Capa e páginas de miolo, com design e ilustrações de Eugênio Hirsch (acervo BLDFEUSP).



1 | A AMÉRICA PRÉ-COLOMBIANA

O homem pré-colombiano, sua origem e costumes primitivos. Principais povos pré-colombianos; sua localização. As grandes culturas indígenas da América.

17 | O HOMEM PRÉ-COLOMBIANO, SUA ORIGEM E COSTUMES PRIMITIVOS

a) **Estudos sobre o homem pré-colombiano**

O estudo sobre o homem, que já povoava a América antes de seu descobrimento, por isso mesmo chamado *homem pré-colombiano*, apresenta dois problemas que até hoje não tiveram solução: a época em que ele teria aparecido no Novo Mundo e o lugar de onde teria sido originário. Muitos sábios acreditavam que o homem pré-colombiano povoou o Novo Mundo em época muito remota. Esses sábios, um dos mais modernos foi o dinamarquês *Pedro Guilherme Lund* que passou quase toda a sua existência no Brasil.

Em várias cavernas Lund encontrou ossadas humanas e de animais, chamados *fosseis*, no rio de Sumidouro, perto da localidade chamada Lagoa Santa, em Minas Gerais, o grande sábio achou certos de traços esqueletos. Depois de pacientemente estudar, chegou à conclusão de que aqueles restos humanos pertenciam a um homem que teria vivido na América no tempo dos animais egípcios, atualmente extintos. Desse modo o Novo Mundo teria sido povoado na mesma época em que surgiu o homem na Europa. As conclusões de Lund, favorecidas no momento muito remoto da América, já não têm hoje muita aceitação.

b) **Hipóteses sobre o povoamento da América**

Dois sábios que defenderam a hipótese da *autocriação*, isto é, o homem americano originário da própria América, cita-se o italiano *Florentino Ameghino*, naturalizado argentino. Na Patagônia esse sábio encontrou dois ossos — *uma serebina* e um *fêmur*, e depois de estudá-los por muito tempo...

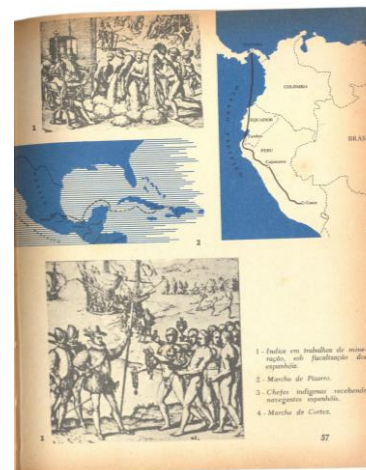


Figura 13: Borges Hermida, *História da América: segunda série ginásial*, edição de 1961 (15,0 x 19,0 cm). Capas, guardas, páginas de miolo, com design e ilustrações de Eugênio Hirsch (acervo BLDFEUSP).

A contratação, conjunta ou não, do trabalho para as três obras, mesmo visando uma inovação visual e gráfica para os livros de História mais vendidos da CEN, não deixa de corresponder ao procedimento de períodos anteriores, ou seja, o de ter um projeto gráfico básico para todas as obras de uma disciplina. Assim, a reformulação das obras dos dois autores para o Ensino Médio, de 1962, *História do Brasil para o Curso Médio*, de Joaquim Silva, e *Compêndio de História do Brasil*, de Borges Hermida, trarão também o mesmo projeto gráfico e ilustrações de miolo das obras anteriores, além de compartilharem diversas ilustrações, vinhetas e mapas que haviam sido criados por Hirsch para obras originalmente concorrentes. O reaproveitamento de imagens em diversas obras, sem novo pagamento e atribuição de créditos ao ilustrador, era igualmente prática comum na editora (FERRARO, 2013).

História do Brasil para crianças, de Viriato Correa

Esta não foi uma obra voltada para o ensino curricular, e sim a obra de um autor com extensa produção de crônicas históricas e de literatura infantil e juvenil editados pela CEN desde a década de 1920. A primeira edição, de 1934, teve capa de Belmonte, mantida até 1960. A capa de Eugênio Hirsch, para a edição de 1961, foi contratada ao mesmo tempo que seus trabalhos para os livros didáticos, com os quais compartilha evidente afinidade de linguagem (figura 14).



Figura 14: Viriato Correa, *História do Brasil para crianças*. Capas de edição de 1955, por Belmonte, e de edição de 1961, por Eugênio Hirsch (acervo BLDFEUSP).

Matemática, de Ary Quintella

Este autor, com suas primeiras obras para a CEN datando da década de 1940, já havia tido reformulações de sua obra na década de 1950 e recebido capas com linguagem referenciada no design modernista construtivo. Mas foi a partir do impacto do lançamento da inovadora coleção *Matemática: curso moderno*, de Osvaldo Sangiorgi (apresentada no próximo tópico), que uma atualização gráfica mais profunda se impôs à coleção para o Ginásio do tradicional autor da casa, Ary Quintella. Esta sofreu então uma substancial modernização gráfica do miolo e teve as



capas encomendadas a Eugênio Hirsch, que já se dedicava integralmente ao trabalho de capista da Civilização Brasileira.

No entanto, o trabalho de Hirsch restringiu-se às capas para os volumes de 1^a a 3^a série, não completando a coleção (figura 15). Nelas observa-se também a preferência por fontes estreitas sem serifa e diagramas encontrados no trabalho do designer para a editora carioca, com a particularidade de que, embora trate-se de uma coleção, o leiaute não é fixo, com a identidade sendo garantida pela abordagem tipográfica e pelo traço característicos de Hirsch.

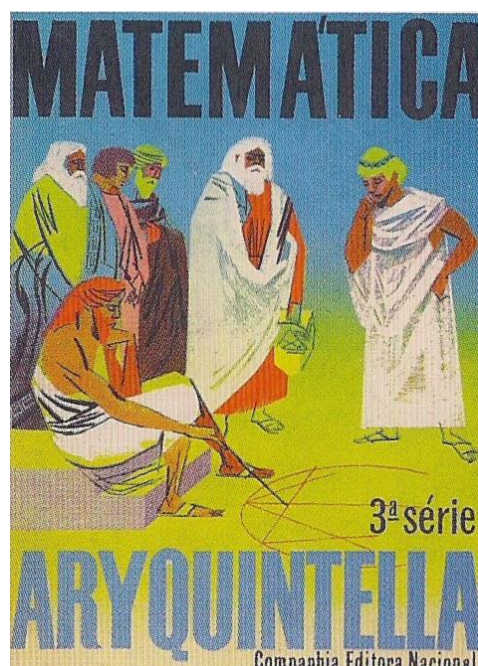
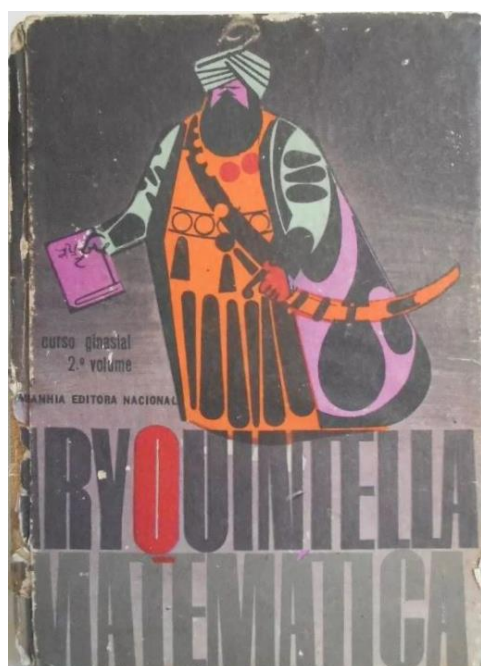
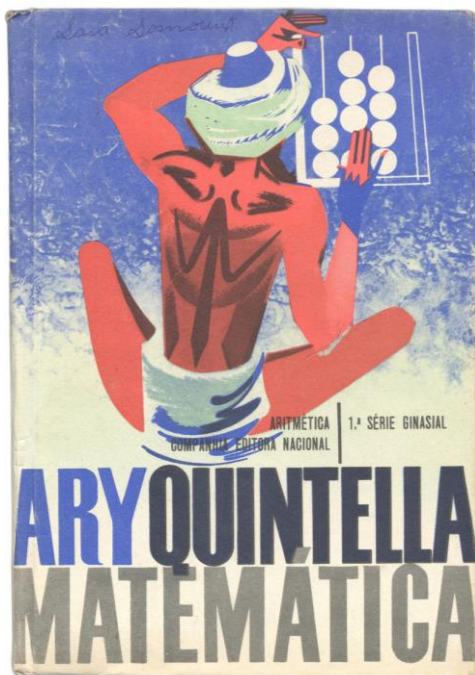


Figura 15: Ary Quintella, *Matemática*, 1965 (13,0 x 19,0 cm). Capas para os volumes de 1^a a 3^a série, por Eugênio Hirsch (acervo BLDEFEUSP e IBEP).

O legado de Eugênio Hirsch para o design de livros didáticos da Companhia Editora Nacional

Vimos na primeira seção deste trabalho que, na década de 1950, a editora adotou como postura geral para a produção de suas obras novas ou reformuladas uma maior particularização visual de cada uma delas pela adoção de capas ilustradas ou fotográficas. No entanto, os miolos continuavam seguindo projetos gráficos genéricos, com tipografia e diagrama padronizados, em que uma eventual particularização visual ocorria apenas como consequência da iconografia específica de cada disciplina. Assim, capa e miolo tinham projeto e produção independentes, resultando em desvinculação formal entre os dois componentes.

Os trabalhos de Eugênio Hirsch para as obras de História de Joaquim Silva e Borges Hermida foram os primeiros na CEN em que se percebe uma atenção efetiva à concepção, projeto gráfico e produção dos livros como objetos unitários de design. E mesmo constituindo um projeto gráfico comum para obras de dois autores, chegou a um grau de particularização na apresentação visual do conteúdo até então pouco praticado na editora.

Assim, nesse aspecto da concepção e produção do livro como objeto de design unitário e com forte identidade – a partir da articulação de capa, páginas pré-textuais, aberturas de capítulo, páginas de texto corrente e seções finais, concebidas como páginas duplas e integrando linguagens de ilustração e intervenção gráfica na iconografia –, Hirsch fez um trabalho precursor na editora e no segmento editorial didático brasileiro.

Este trabalho passou a constituir um modelo de procedimentos e abordagem visual que a CEN adotou em suas novas obras na década de 1960, como pode ser constatado particularmente nos livros de Matemática, Desenho e Ciências. Estes livros trazem ilustrações creditadas a Nestor Batagliero e Joel Link, mas o trabalho de integração entre texto e imagem em todas as situações de miolo indicam uma intervenção mais ampla desses profissionais, em nível mesmo de projeto gráfico e edição de arte (figuras 16, 17 e 18).

Outro aspecto a salientar sobre as realizações de Hirsch para a CEN diz respeito ao seu significado em termos de atualização visual do livro didático e de ampliação do repertório do público e da cultura escolar, até então caracterizada pela veiculação de uma iconografia cristalizada e pela pouca permeabilidade a novas manifestações gráficas presentes em outros meios de comunicação de massa, como revistas e mesmo livros.

Mas se a configuração de livros com articulação sintática entre seus componentes favorece sua apreensão como objeto formalmente coerente, não menos importante é a experiência com as próprias linguagens que o design e ilustração de Eugênio Hirsch podem ter propiciado. Com toda a especificidade das soluções de Hirsch para miolo e capas de didáticos em relação ao que ele produzia para a literatura adulta na Civilização Brasileira, a distância entre estas produções é muito menor do que a distância entre sua produção didática e toda a demais que este segmento oferecia ao público escolar naquele momento.

Assim, pode-se dizer que, mais do que a eficiência na veiculação e comunicação de conteúdos obtida por sua organização coerente e adequada e ao interesse despertado pelo emprego de formas novas e atraentes, uma experiência educativa de outra ordem também era

propiciada. A presença muito forte de imagens diferenciadas das vistas cotidianamente e de elementos visuais como organizadores e sinalizadores da informação ofereciam ao aprendiz a possibilidade de reconhecer a existência de uma linguagem, a visual, com a sua maneira própria de apresentar conteúdos e criar sentidos, num momento decisivo de sua formação e numa época e local, a escola, em que a linguagem verbal-escrita desfrutava de autoridade máxima como a única que veiculava e produzia significado.



Figura 16: Osvaldo Sangiorgi, *Matemática: curso moderno volume 1*, 1963 (15,0 x 21,0 cm). Capa, guardas e páginas de miolo, com ilustrações (e provável projeto e diagramação) creditados a Nestor Batagliero (acervo BLDEFEUSP).



Figura 17: José de Arruda Penteado, *Curso de Desenho*, 1965 (15,0 x 21,0 cm). Capa e páginas de miolo, sem créditos de ilustração e diagramação (acervo BLDEFEUSP).



Figura 18: José Coimbra Duarte, *Ciências físicas e biológicas*, 1967 (13,0 x 19,0 cm). Capa e páginas de miolo, sem créditos de ilustração e diagramação (acervo BLDEFEUSP).

Referências

- BEDA, Ephraim de Figueiredo. **Octalles Marcondes Ferreira: formação e atuação do editor**. Dissertação (Mestrado em Comunicações). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 1987.
- FERRARO, Juliana Ricarte. **Entre textos e imagens: o *Compêndio de História do Brasil de Borges Hermida (1962-1975)***. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2013.
- HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.
- HOMEM DE MELO, Chico (Org.); **O design gráfico brasileiro: anos 60**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- HOMEM DE MELO, Chico; RAMOS, Elaine (Orgs.). **Linha do tempo do design gráfico no Brasil**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- MARIZ, Ana Sofia. **Editora Civilização Brasileira: O design gráfico de um projeto editorial (1959-1970)**. Dissertação (Mestrado em Design). Departamento de Artes, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2005.
- MORAES, Didier Dias de. **Uma trajetória do design do livro didático no Brasil: a Companhia Editora Nacional, 1926-1980**. Tese (Doutorado em Design e Arquitetura). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2016.
- NOGUEIRA, Julio Cesar Giacomelli. **Letra e imagem: a tipografia nas capas de livros desenhadas por Eugênio Hirsch**. Dissertação (Mestrado em Artes). Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.
- PINTO JÚNIOR, Arnaldo. **Professor Joaquim Silva, um autor da história ensinada do Brasil: livros didáticos e educação moderna dos sentidos (1940-1951)**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. **História da educação no Brasil: 1930/1973**. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- TOLEDO, Maria Rita de Almeida. A Companhia Editora Nacional e a política de editar coleções: entre a formação do leitor e o mercado de livros. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.). **Impresso no Brasil: Dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

Sobre o autor

Didier Dominique Cerqueira Dias de Moraes é designer gráfico especializado em livros escolares. Tem mestrado pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e doutorado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da mesma universidade, com pesquisas sobre visualidade do livro didático brasileiro. É autor de *Design de capas do Livro didático: a Editora Ática nos anos 1970 e 1980* (Edusp, 2017).
didier.moraes01@gmail.com